

Macabéa

Revista Eletrônica do Netli, Volume 8, Número 2, Jul.-Dez., 2019

O PAPEL DA CIDADE NA CONFIGURAÇÃO DE ANGÚSTIA, DE GRACILIANO RAMOS



THE ROLE OF THE CITY IN THE CONFIGURATION OF GRACILIANO RAMOS' ANGÚSTIA

Wagner Fredmar Guimarães Júnior
UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS, Brasil

[RESUMO](#) | [INDEXAÇÃO](#) | [TEXTO](#) | [REFERÊNCIAS](#) | [CITAR ESTE ARTIGO](#) | [O AUTOR](#)
RECEBIDO EM 03/05/2019 • APROVADO EM 04/07/2019

Abstract

Graciliano Ramos' novel *Angústia* (1936) was understood by literary and historiography criticism as a "psychological novel", often read from an a-historical view, with a tendency to undervalue the social process and to devise the impasses of Luís da Silva as "psychological problems" without concrete and historically situated causes. Trying to understand the proper weight of historical matter in the narrator-protagonist's experience, this article aims to demonstrate how the city of Maceió plays an essential role in the constitution of Luís da Silva and in the events narrated, provoking the conflicts experienced by the character.

Resumo

O romance *Angústia* (1936), de Graciliano Ramos, foi entendido por parte da crítica e historiografia literárias como “romance psicológico”, lido muitas vezes a partir de uma visão a-histórica, com tendência a subvalorizar o processo social nele dramatizado e conceber os impasses de Luís da Silva como “problemas psicológicos”, sem causas concretas e historicamente situadas. Tentando compreender o devido peso da matéria histórica na experiência do narrador-protagonista, este artigo se propõe a demonstrar como a cidade de Maceió desempenha uma função essencial na constituição de Luís da Silva e nos acontecimentos narrados, provocando os conflitos vivenciados pelo personagem.

Entradas para indexação

KEYWORDS: *Angústia*; Graciliano Ramos; Maceió. Capitalist modernization; Brazilian novel of the 1930's.

PALAVRAS CHAVE: *Angústia*; Graciliano Ramos; Maceió; Modernização capitalista; Romance de 30.

Texto integral

Introdução

Publicado em 1936, *Angústia* dramatiza em seu todo (memórias e presente da narração) o período situado entre o final do século XIX e as três primeiras décadas do XX, correspondente ao processo de decadência de parte das oligarquias rurais brasileiras, deflagrado pela modernização econômica pela qual o país passava naquele momento. Essa modernização culminou na formação de uma classe média urbana, da qual o narrador-protagonista Luís da Silva passa a fazer parte na cidade de Maceió, após deixar o interior de Alagoas e passar rapidamente pelo Rio de Janeiro quando da morte de seu pai – gota d’água para a falência total da família.

O motor que estrutura toda a vida de Luís da Silva, portanto, é o processo histórico de transição de um Brasil arcaico e aristocrático para um Brasil capitalista e moderno à sua maneira, já nos primeiros anos da Era Vargas, de modo que a cidade de Maceió desempenha um papel essencial na configuração da narrativa, desencadeando os conflitos vivenciados pelo personagem, inadaptado ao novo modo de vida. Segundo a perspectiva crítica aqui adotada, esse processo histórico é o que dá forma e substância ao narrador-personagem e à sua consciência, bem como ao romance como um todo. Essa forma social significativa cria uma tensão que dá força e realismo à obra¹.

O presente trabalho teve origem no problema da relação entre indivíduo e sociedade, de modo que nos interessou entender a interpenetração desses dois pólos dialéticos na constituição do narrador de *Angústia*, uma das mais significativas obras do romance de 30, implicada na problemática da divisão entre intimismo e realismo. Parte da crítica o entendeu como “romance psicológico”, o que traz em seu bojo a ideia de uma consciência a-histórica, enclausurada em si mesma, criadora dos seus próprios problemas. Essa visão tende a subvalorizar o processo social, entendendo os impasses de Luís da Silva, vivenciados na cidade, apenas como “problemas psicológicos”, e não como fruto que são do processo histórico. Luciana Stegagno-Pichio, por exemplo, entende *Angústia* como um romance “de mais empenhada exploração psicológica” (STEGAGNO-PICHIO, 2004, p. 532). Para ela, Luís da Silva busca interiormente os motivos de ânsia de destruição, o que o leva quase automaticamente ao crime. A visão de Alfredo Bosi é mais profunda e matizada, acena para certa articulação entre subjetividade e objetividade, embora termine por entender essa relação como uma interiorização do externo, e não como uma relação de mão dupla em que há troca entre as duas esferas. Ele afirma que *Angústia* está no “limite entre o romance de tensão crítica e o romance intimista” (BOSI, 2006, p. 403). Afrânio Coutinho também possui uma interpretação mais complexa, mas acaba optando pela divisão, integrando *Angústia* na corrente “psicológica, subjetivista, introspectiva e costumista” (COUTINHO, 1970, p. 214). Interessa ressaltar, nesses rápidos comentários dos três autores de trabalhos historiográficos, a tendência a separar – com maior ou menor ênfase – sujeito e objeto, sugerindo uma leitura concentrada nos aspectos psicológicos da obra.

O mesmo movimento ocorreu com parte da fortuna crítica. Para Otto Maria Carpeaux, o material de Graciliano Ramos é o mundo interior, em que ocorre a sondagem de almas “caçadas por um turbilhão demoníaco de angústias” (CARPEAUX, 1977, p. 26), de modo que “a realidade, nos romances de Graciliano Ramos, não é deste mundo. É uma realidade diferente. [*Angústia*] é um mundo fechado em si mesmo” (CARPEAUX, 1977, p. 30). Já Wilson Martins sustenta que o problema de Luís da Silva é a indistinção moderna entre o bem e o mal, em uma sociedade em que tais valores estão misturados, e que isso se deve às concepções morais de Graciliano Ramos, cujo olhar se dirigiria “para mais longe do que o espetáculo imediato dos homens formigando e defendendo as suas reivindicações de classe” (MARTINS, 1977, p. 40). Álvaro Lins, por sua vez, sustenta que a preocupação dominante de Graciliano Ramos é revelar o caráter humano; colocação que já se aproxima de uma leitura mais psicológica da obra. Afirma, entre outras coisas, que a preocupação do romancista em fixar e exhibir o caráter humano, em lugar de estima em relação aos outros seres humanos, significa um sentimento de ódio ou desprezo em face do outro e que isso se deve ao caráter “sombrio e áspero” de Graciliano (LINS, 1963, p. 147). Nelly Novaes Coelho leva a reflexão para um lado mais universalista e abstrato, aproximando-se de uma ideia de essência humana. Ela desistoriciza a questão afirmando que “os problemas de todas as personagens de Graciliano são os problemas humanos de ontem, de hoje e de sempre, ligados fundamentalmente à sobrevivência do Homem em Sociedade e ao seu eterno desejo de suplantar o Próximo”. (COELHO, 1977, p. 61). Como visto, os quatro autores aqui brevemente comentados se aproximam por

compartilharem uma visão mais metafísica e universalista quanto ao romance de Graciliano Ramos.

Indo na direção contrária das leituras que menosprezam a interpenetração dialética entre indivíduo e sociedade, e na tentativa de entender o devido peso da matéria histórica na experiência do narrador-protagonista do romance e na formação da sua consciência, nos propomos a realizar uma interpretação da obra que fuja da armadilha do psicologismo e da noção do “homem em geral”, que desconsidera os aspectos particulares da realidade brasileira em favor de uma igualdade de essência entre os indivíduos à revelia das condições materiais locais. Entendemos que a cidade de Maceió, enquanto organização social capitalista e tudo o que daí decorre, desempenha uma função essencial para a constituição de Luís da Silva e para os acontecimentos narrados no romance.

Nesse sentido, buscamos demonstrar como a inserção particular de Luís da Silva na cidade determina sua postura diante da vida e, conseqüentemente, sua psicologia. A inserção do personagem nesse universo ocorre de forma ambígua, sendo que seus valores oligárquicos e tradicionais se chocam com os novos valores impostos pela vida urbana em Maceió. Desse modo, Luís se torna um sujeito revoltado, lúgubre, avesso ao capitalismo (materializado nas relações sociais estabelecidas na cidade) e acaba tendo sua relação com a realidade comprometida pelos efeitos desses conflitos na sua consciência, o que o leva ao devaneio e à deformação da realidade. Mais séria tentativa de adaptação do narrador-protagonista à vida na cidade, o noivado com Marina e a possibilidade de uma nova vida que daí decorreria também são destruídos pelo capitalismo, já que a moça o trai com o rico Julião Tavares. Esgotadas as possibilidades de adaptação, a única saída vislumbrada por Luís para reestabelecer o equilíbrio é o assassinato do rival. Discutimos, por fim, o significado desse ato no que diz respeito à relação de Luís da Silva com o capitalismo, representado pela cidade e pelo modo de vida urbano.

A contraditória inserção de Luís da Silva em Maceió

Segundo Antonio Candido, Luís da Silva é “o personagem mais dramático da moderna ficção brasileira” (CANDIDO, 2012, p. 46) e *Angústia* um estudo completo da frustração. Luís é um frustrado, alguém que não aceita sua nova condição social inferior; um sujeito cujo sistema de valores tradicional se choca com o vivenciado na cidade, na modernidade capitalista, situação que engendra um conflito do personagem consigo mesmo e com o mundo. Esta frustração se revela em sua personalidade, figurando-o como um indivíduo violento, revoltado, humilhado e degradado, tudo isso em indissociável relação com o social, com a cidade enquanto local onde as relações sociais capitalistas acontecem. Estas são as linhas mestras da inserção do tipo social de Luís da Silva no mundo moderno. Vejamos como isto se dá no livro.

Embora as primeiras páginas de *Angústia* sejam o início da narrativa, e não o início do que foi vivido por Luís, elas são de grande importância porque, por serem a abertura do livro, são a primeira impressão do leitor, sua entrada naquela

atmosfera sufocante. Nelas, já se define a personalidade de Luís da Silva, bem como a articulação entre a sua consciência deformada e a realidade social da cidade, geradora da deformação:

Há criaturas que não suporto. Os vagabundos, por exemplo. Parece-me que eles cresceram muito, e, aproximando-se de mim, não vão gemer peditórios: vão gritar, exigir, tomar-me qualquer coisa.

Certos lugares que me davam prazer tornaram-se odiosos. Passo diante de uma livraria, olho com desgosto as vitrinas, tenho a impressão de que se acham ali pessoas exibindo títulos a preços nos rostos, vendendo-se. É uma espécie de prostituição. [...] os autores, resignados, mostram as letras e os algarismos, oferecendo como as mulheres da rua da Lama. [...] Vivo agitado, cheio de terrores [...]. Impossível trabalhar. [...].

Penso em indivíduos e em objetos que não têm relação com os desenhos: processos, orçamentos, o diretor, o secretário, políticos, sujeitos remediados que me desprezam porque sou um pobre-diabo.

Tipos bestas. Ficam dias inteiros fuxicando nos cafés e preguiçando, indecentes. Quando avisto essa cambada, encolho-me, colo-me às paredes como um rato assustado. Como um rato, exatamente. Fujo dos negociantes que soltam gargalhadas enormes, discutem política e putaria.

Não posso pagar o aluguel da casa. Dr. Gouveia aperta-me com bilhetes de cobrança. [...]. Há também o homem da luz, O Moisés das prestações, uma promissória de quinhentos mil-réis, já reformada. E coisas piores, muito piores. [...].

Não consigo escrever. Dinheiro e propriedades, que me dão sempre desejos violentos de mortandade e outras destruições, as duas colunas mal impressas, caixilho, dr. Gouveia, Moisés, homem da luz, negociantes, políticos, diretor e secretário, tudo se move na minha cabeça, como um bando de vermes, em cima de uma coisa amarela, gorda e mole que é, reparando-se bem, a cara balofa de Julião Tavares muito aumentada. (RAMOS, 1964, p. 7-9).

No trecho acima, percebe-se o conflito do protagonista com o mundo, que não é um mundo abstrato, mas o do dinheiro e do capitalismo. O conflito é engendrado pela condição de classe de Luís, alguém que não consegue ultrapassar sua consciência oligárquica e aceitar sua posição (ambígua) na cidade. Repare-se que sua subjetividade é determinada, em última análise, pelo social: não é por uma idiosincrasia que ele não suporta as criaturas e as despreza, e sim porque elas o ameaçam de alguma forma. Os pedintes vão lhe tomar algo, os autores venderam sua dignidade (assim como ele), tornando-se mercadorias; os terrores e a agitação de Luís têm como causa os “sujeitos remediados” que o acham um pobre-diabo. Luís foge “como um rato” dos negociantes em geral, a quem deve dinheiro, e não consegue pagar o aluguel, a conta de luz e suas já reformadas promissórias². Luís é, em suma, um sujeito acossado pela realidade social circundante, em que não se encaixa por questões morais e financeiras, já que não tem posses. Quando Sonia

Brayner afirma que “é impossível qualquer dissociação entre o *background* psicológico e social” (BRAYNER, 1977, p. 211) de *Angústia*, entendemos que se trata justamente de uma ideia próxima à nossa, de que a consciência de Luís da Silva é constituída enquanto movimento e devir na relação do personagem com a realidade social. Luís tem a sua consciência determinada pela transição histórica e pelo presente enquanto uma troca incessante entre o interno e o externo, de modo que sua interioridade está relacionada com as vivências sociais pelas quais passou e passa, e, dialeticamente, essa interioridade age retroativamente sobre a realidade, também nela influenciando.

Carlos Nelson Coutinho destaca o fato de Luís da Silva ter migrado para a cidade com a ideia de vencer na vida, acreditando de certa forma no mito (ideologia) da possibilidade de realização individual na sociedade capitalista (COUTINHO, 1977, p. 95). Seu meio para isso é a literatura: “- Trago um romance entre os meus papéis. Compus um livro de versos, um livro de contos. Sou obrigado a recorrer aos meus conterrâneos. Até que me arranje, até que possa editar as minhas obras” (RAMOS, 1964, p. 25). No Rio de Janeiro, apesar da situação adversa, Luís ainda crê que vai superar as dificuldades e se afirmar nesse novo contexto, mas logo a seguir revela o fracasso dessa esperança, percebendo o seu caráter ilusório:

Mais tarde, já aqui em Maceió, gastando sola pelas repartições, indignidades, curvaturas, mentiras, na caça ao pistolão. [...].

Afinal, para se livrarem de mim, atiraram-me este osso que vou roendo com ódio.

- Chegue mais cedo amanhã, seu Luís.

E eu chego.

- Informe lá, seu Luís.

E eu informo. Como sou diferente de meu avô!. (RAMOS, 1964, p. 25-26).

Em lugar da afirmação buscada na cidade por meio do sucesso como escritor, Luís da Silva é obrigado a se submeter ao trabalho maçante na burocracia do Estado para sobreviver e em condições precárias. Nas palavras do próprio personagem, ele é levado a se “prostituir”, em sua honra e dignidade pessoal.

Obrigado a um trabalho alienado (ou diretamente a serviço de convicções que não eram as suas, ou inteiramente desprovido de sentido criador, como era o burocrático), Luís da Silva é obrigado a renunciar às suas esperanças anteriores, a destruir o “demonismo” que o havia feito emigrar para a cidade e buscar a realização como intelectual. (COUTINHO, 1977, p. 96).

Ele, então, acomoda-se a uma vida mesquinha, embora a revolta que nutra alimente uma contradição latente em sua personalidade. Trata-se de uma espécie de recalque desse “demonismo”, que, vindo à tona posteriormente, culmina no assassinio de Julião Tavares. Esse fenômeno, como aponta Antonio Candido, determina a exacerbação do conflito em Luís da Silva entre um ser social, que

corresponde à necessidade de se ajustar às convenções para sobreviver, e um ser profundo, “revoltado contra elas, inadaptado, vendo a marca da contingência e da fragilidade em tudo e em si mesmo” (CANDIDO, 2012, p. 112). Esse conflito é estruturado em diversas situações na relação de Luís da Silva com o contexto urbano. Em Maceió, por exemplo, os problemas sociais típicos da cidade se opõem à lógica da fazenda:

Cidade grande, falta de trabalho. O meu quarto ficava junto à escada, e à noite o cheiro de gás era insuportável. [...].

O bonde chega ao fim da linha, volta. Bairro miserável, casas de palha, crianças doentes. Barcos de pescadores, as chaminés dos navios, longe. (RAMOS, 1964, p. 10).

Luís tem ódio à vida na cidade como ela é, mas suporta viver ali se submetendo a todas as convenções sociais “necessárias”, violentando-se ao tentar suprimir sua inadaptação. Índice disto é que em várias passagens o burocrata se lamenta de sua vida na cidade: “Se pudesse abandonaria tudo e recomeçaria as minhas viagens. Esta vida monótona, agarrada à banca das nove horas ao meio-dia e das duas às cinco, é estúpida. Vida de sururu. Estúpida” (RAMOS, 1964, p. 9). Em outro trecho, ele se refere à dualidade entre campo e cidade (rural e urbano), segundo seu juízo: “Entro no quarto, procuro um refúgio no passado. Mas não me posso esconder inteiramente nele. Não sou o que era naquele tempo. Falta-me tranquilidade, falta-me inocência, estou feito um molambo que a cidade pui demais e sujou” (RAMOS, 1964, p. 20). Outra situação em que tem de recalcar sua consciência e seus valores é o ressentimento que alimenta por ter que se curvar às pessoas bem posicionadas nessa sociedade urbano-capitalista, mas que Luís, baseado no sistema de valores rural, considera inferiores a ele – apesar de longo, o trecho é esclarecedor em diversos aspectos:

Onde estariam os descendentes de Amaro Vaqueiro? Talvez o guarda civil do relógio oficial fosse um deles. Se eu matasse Julião Tavares, o guarda civil não levantaria o cassetete: apitaria. Chegariam outros, que me ameaçariam de longe. O guarda civil não tem coragem. Se tivesse, não olharia os automóveis horas e horas, junto ao relógio oficial: ocupar-se-ia devastando fazendas, incendiando casas, deflorando moças brancas, enforcando proprietários nos galhos dos juazeiros. Os sertanejos fortes revoltaram-se e andam matando, roubando, violando, quase selvagens, sujos, os cabelos compridos, enfeitados de penduricalhos, os chapéus de couro cobertos de medalhas, as cartucheiras pesadas, enormes. Nenhum respeito à autoridade. Se um policial viajar pela estrada, morre na tocaia. E se não morrer logo, é pior: levam-no para a capueira e torturam-no. Os campos estão desertos, o gado enegreceu com o carrapato, os homens valentes pegaram o rifle, amarraram a cartucheira na cintura. O guarda civil do relógio oficial veio para a cidade e arranhou emprego. É um sujeito magro como eu, civilizado como eu. Se houver barulho na rua, ele apita. Se houver greve nas fábricas e lhe mandarem atirar contra os grevistas, atira tremendo. As greves acabam. E ele voltará para a chateação do ponto, magro, triste. É pouco mais ou menos como eu.

– Escreva um artigo a respeito de salários, seu Luís.

Bocejo e sapeco uma literatura ordinária, constrangido. Sei que estou praticando safadeza. Penso no que acontecerá depois. Quando houver uma reviravolta, utilizarão as minhas habilidades de escrevedor? E o guarda civil? Continuará junto ao relógio, olhando os automóveis, apitando em caso de necessidade? E Julião Tavares patriota e verzejador? Para que serviria Julião Tavares? Agora era uma figura importante demais. Tavares & Cia. negociantes de secos e molhados na rua do Comércio, eram uns ratos. (RAMOS, 1964, p. 145-146).

Luís da Silva cria uma relação de oposição entre dois tipos de sertanejo. Aquele que se adaptou à vida urbana “se civilizou”, possui uma personalidade fraca e, vivendo na cidade, abaixa a cabeça para as autoridades. Enquanto o sertanejo forte é o que permaneceu no sertão, e escolhendo não se adaptar, não respeita o Estado nem os ricos. Vê-se que o sistema de valores do personagem concebe a modernização capitalista como um valor negativo, moralmente degradante e humilhante. Luís se irmana ao guarda civil, classificando-o e a si mesmo como sertanejos fracos e civilizados; ele o seria pelo fato de se vender no jornal para o qual escreve artigos e se prostitui intelectualmente, já o guarda porque sua profissão lhe exige que abaixe a cabeça. Isso sinaliza, novamente, para a mencionada impossibilidade de realização da plena individualidade sob a égide do capitalismo, que viola e reifica a humanidade do sujeito. Ainda neste trecho do romance, é importante comentar o aceno (ainda que tímido) de Luís da Silva para uma perspectiva socialista. Ao imaginar uma revolução, o amanuense pensa que poderia ser uma espécie de casaca de ferro, um intelectual, e o guarda civil poderia ser aproveitado de alguma forma. Já Julião Tavares não serviria para nada, devendo ser liquidado. Luís sugere que o prestígio do filho do dono da Tavares & Cia só é possível no capitalismo e por conta do dinheiro do pai. Talvez forçando um pouco a nota, entendemos que Luís nos diz que a dignidade humana é impossível no capitalismo, de modo que só se valorizam crápulas como os Tavares, e que, isto mudado, os valores autênticos iriam sobressair. Embora tenha aversão a se curvar, a consciência burguesa de Luís da Silva fala mais alto em alguns momentos, como quando ele acaba de conhecer Marina e chega a vislumbrar uma promoção na burocracia em que trabalha:

– Necessitamos um governo forte, seu Luís, um governo que estique a corda. Esse povo anda de rédea solta. Um governo duro. E eu havia concordado, naturalmente:

– É o que eu digo, doutor. Um governo duro. E que reconheça os valores.

Considerava-me um valor, valor miúdo, uma espécie de níquel social, mas enfim valor. [...]. Por uma diferença de dois votos, tinha deixado de ser eleito secretário da Associação Alagoana de Imprensa. Quinhentos mil réis de ordenado. (RAMOS, 1964, p. 35).

Para conseguir ascender socialmente, Luís concorda “naturalmente” com o “doutor”, afirmando ser partidário de um “governo duro. E que reconheça os valores”. A própria vaidade contida no desejo de ascensão revela que não é apenas

no plano financeiro que ele a busca, mas também como prestígio, embora se reconheça um “níquel social”. Isso está ligado a uma questão levantada por Luís Bueno, que menciona o fato de que havia um lugar de destaque para Luís da Silva na antiga ordem social, caso ela tivesse se mantido, e que não há lugar para ele na nova ordem, “já que os valores com que se havia criado o impediam de identificá-la como sua” (BUENO, 2006, p. 628). Concordamos que o sistema de valores do personagem gera um conflito em sua consciência, sem dúvida; mas em certa medida, como mostrado acima, há uma oscilação em sua consciência que o leva a se acomodar nessa contradição em prol de uma vida pequeno-burguesa em que viveria razoavelmente bem, como apontaram Carlos Nelson Coutinho e o próprio Luís Bueno.

O conflito de Luís da Silva leva ao aspecto essencial de sua consciência, que é a deformação da realidade, o devaneio. As fantasias de Luís gravitam numa atmosfera de perturbação e pesadelo. O principal aspecto dessa deformação seria, até onde podemos compreender, a animalização dos seres humanos. Sonia Brayner historiciza esse processo chamando a atenção para o seu lastro sociológico, de modo que a consciência doentia do personagem encontra, implicitamente, suas referências no Nordeste agrário, nos conseqüentes problemas nascidos das relações de senhores e escravos e na decadência dos poderosos engenhos engolidos pelas modernas usinas. Nesse processo histórico, engendra-se a degradação, de modo que:

[...] o animal assume o homem e Graciliano constrói uma zoologia inferiorizante correspondente à diminuição de humanidade: rato, sabiá, Ratuína, sururu, coruja, vão-se incorporando e ganhando lugar nesse mundo, no qual um primitivismo de sujeição pela sobrevivência substitui um sistema de valores ao nível do humano. (BRAYNER, 1977, p. 215).

Completaríamos dizendo que essa zoologia inferiorizante se exacerba na cidade, onde a sujeição pela sobrevivência atinge níveis ainda mais degradantes. Assim, o devaneio está indissociavelmente ligado ao social, à vivência no lócus citadino, de modo que a animalização possui uma lógica bastante complexa nesse sentido. Para Luís da Silva, o capitalismo transforma todos os seres humanos em animais, e a figura que mais representa isso no livro é a do rato. Todos são ratos, mas são diferentes de acordo com a sua maior ou menor importância socioeconômica. Os ricos, representados por Julião Tavares e sua família, são ratos por conta do sistema de valores oligárquico de Luís da Silva, que os julga moralmente indignos de possuírem valor social positivo, valor que lhes é conferido pelo dinheiro a despeito do fato de os Tavares serem degradados moralmente (o que é um problema moral para o protagonista, mas ligado ao econômico-social). Já os pobres, inclusive o próprio Luís, são ratos porque vivem em situação degradante e desumana, como ressalta Sônia Brayner, e não possuem dinheiro, o valor social do capitalismo. Isto é, além da animalização apontada pela autora, há outra, ligada aos ricos. Esse fenômeno da zoologia inferiorizante assume, ainda, outras conotações além da moral (sexual e intelectual), mas não se resume a isso, seu lastro é sempre econômico e social. Ou seja, embora a manifestação desse

fenômeno possa assumir as formas sexual, intelectual e moral, e sustentar essa aparência, sua essência é sempre social.

Nesse sentido, Luís da Silva manifesta a deformação da sua consciência já nas primeiras páginas de *Angústia*:

Os conhecidos dirão que eu era um bom tipo e conduzirão para o cemitério, num caixão barato, a minha carcaça meio bichada. Enquanto pegarem e soltarem as alças, revezando-se no mister piedosos e cacete de carregar defunto pobre, procurarão saber quem será o meu substituto na diretoria da fazenda.

Enxoto as imagens lúgubres. Vão e voltam, sem vergonha [...]. Esforço-me por desviar o pensamento dessas coisas. Não sou um rato, não quero ser um rato. Tento distrair-me olhando a rua.

À medida que o carro se afasta do centro sinto que vou me desanuviando. Tenho a sensação de que viajo para muito longe e não voltarei nunca. Do lado esquerdo são as casas da gente rica, dos homens que me amedrontam, das mulheres que usam peles de contos de réis. Diante delas, Marina é uma Ratuína. Do lado direito, navios. [...] Vida de sururu. (RAMOS, 1964, p. 9-10).

Neste trecho, o devaneio de Luís é bastante significativo. Ao se imaginar morto, pensa em um “caixão barato” e visualiza sua “carcaça meio bichada”, o que se relaciona com a baixa condição financeira do defunto; a lógica é: carcaça bichada + defunto pobre = caixão barato. Ocorre, aqui, uma autoanimalização, que se completa com o gesto de desespero de dizer a si mesmo “Não sou um rato, não quero ser um rato”. Luís da Silva sugere, neste caso, a ligação entre ratos e pobreza, evidenciando o lastro social do problema; o mesmo se dá quando, ao passar pelas casas dos ricos e comparar as senhoras finas a Marina, conclui que a moça é uma “ratuína”, um ser financeiramente inferior. Por fim, a expressão “vida de sururu” assume uma conotação negativa, ligada a briga e a confusão, significado popular da palavra no Nordeste. Outro exemplo dessa zoologia inferiorizante é quando Luís da Silva conhece Julião Tavares:

Conversa vai, conversa vem, fiquei sabendo por alto a vida, o nome e as intenções do homem. Família rica, Tavares & Cia., negociantes de secos e molhados, donos de prédios, membros influentes da Associação Comercial, eram uns ratos. Quando eu passava pela rua do Comércio, via-os por detrás do balcão, dois sujeitos papudos, carrancudos, vestidos de linho pardo e absolutamente iguais. Esse Julião, literato e bacharel, filho de um deles, tinha os dentes miúdos, afiados, e devia ser um rato, como o pai. Reacionário e católico. [...].

Ouviu-me atento e mostrou desejo de saber o que eu era. Encolhi os ombros, olhei os quatro cantos, fiz um gesto vago, procurando no ar fragmentos da minha existência espalhada. (RAMOS, 1964, p. 41).

Inicialmente, a imagem de Julião Tavares é a de um homem, estado que muda imediatamente quando Luís pronuncia “família rica”, lista todas as posses e comenta o prestígio social dos Tavares, concluindo que “eram uns ratos”. Aqui, esses animais assumem valor negativo, claramente associados à classe dos novos

ricos, comerciantes que enriqueceram na transição para o capitalismo, como consequência, de certo modo, das ruínas das oligarquias rurais, como se deu com Trajano Pereira, avô de Luís da Silva. No trecho citado anteriormente, os ratos representavam a inferioridade em função da pobreza; agora, a razão é o fato dos personagens terem se aproveitado das chances que tiveram para acumular dinheiro. Lúcia Helena Carvalho entende que o valor repulsivo que os Tavares têm para Luís da Silva está ligado à ideia de roubo, contida na palavra rato e ligada a negócio/negociante: “No mundo do comércio, o sistema de trocas, como se sabe, mostra-se geralmente comprometido com a esperteza e o engodo; daí *rato* encontrar-se dicionarizado com os sentidos de ladrão, tratante, canalha e larápio”. (CARVALHO, 1983, p. 69, grifos da autora). O roubo é também da posição social de prestígio que seria herdada pelo protagonista no antigo sistema, mas que na nova ordem, é ocupada por Julião, o que faz com que Luís se sinta usurpado por alguém que ele julga não merecedor desse lugar social:

Sabendo-se historicamente herdeiro legítimo do lugar privilegiado no sistema antigo, vê, no presente, seu direito de herança irreconhecido e o seu lugar conseqüentemente usurpado. Julião Tavares, [...] sem origem nem berço, ocupa glorioso o privilegiado lugar na ordem presente, ostentando no aumentativo que o nomeia o deslumbramento balofo de uma classe emergente, a dos novos ricos burgueses, legitimados pelo poder do capital. (CARVALHO, 1983, p. 71).

Entendemos que o sistema de valores oligárquico do protagonista considera que pessoas desprezíveis, como Julião Tavares, são inaptas para ocupar uma posição de destaque social, de modo que o problema não existe apenas pelo fato do bacharel não ter origem nem berço, é também moral. A descrição da imagem de Julião Tavares se torna mais detalhada, e ele surge com dentes miúdos e afiados, ameaçando Luís da Silva ao questioná-lo a respeito de sua posição na sociedade; ele se encolhe, olha para os quatro cantos e, acuado, disfarça para não ter que revelar a sua desimportância. O rato rico e gordo, expansivo e falastrão afugenta o rato pobre, franzino, retraído e discreto. Note-se que a maior ou menor importância socioeconômica é determinante. Para Carlos Nelson Coutinho, a relação do narrador com seu antagonista é representativa do que chama de “psicologia típica do pequeno-burguês” (referindo-se a Luís da Silva), que enxerga o burguês numa “contraditória dialética psicológica, como aquilo que no fundo ele ambicionara ser e, ao mesmo tempo, como tudo o que ele despreza e repugna.” (COUTINHO, 1977, p. 97). Assim, ele deseja ter o prestígio social dos Tavares, por quem nutre certa inveja, mas ao mesmo tempo os repugna moral, política e intelectualmente, julgando-os inferiores. O sistema de valores de Luís da Silva se choca com o dos Tavares, mas ainda assim o amanuense desejaria ter o prestígio social e as posses deles. Embora seja indiscutível a existência dessa contraditória dialética psicológica, entendemos não se tratar da manifestação de uma consciência pequeno-burguesa, e sim da consciência oligárquica do personagem, que, como observado por Lúcia Helena, sente-se usurpado do lugar social que na velha ordem seria dele por direito. Esse desajuste do neto de Trajano, manifestação do conflito entre as duas ordens sociais antagônicas, deve-se ao processo de “conversão do mundo paroquial, constituído de pequenos grupos de

poder, em grande sociedade de massa, assim como [...] ao esfacelamento dos padrões morais e das categorias políticas tradicionais” (CARVALHO, 1983, p. 71). Podemos acrescentar que se deve sobretudo ao fato de que esse mundo correspondente a seu sistema de valores e à sua consciência oligárquica não existe mais nem é passível de ser reestabelecido.

Uma solução para o conflito?

O conflito de Luís da Silva é causado pelo fato de seu sistema de valores ser formado no meio oligárquico, em um tipo de sociedade em que ocupava uma posição de importância social e econômica. Essa consciência que estamos chamando de oligárquica torna problemática a inserção do personagem no mundo moderno, já que corresponde a uma realidade extinta, engolida pela modernização capitalista, especialmente para os que não se adaptaram a ela – mudando para permanecer –, como sua família. O rebaixamento de classe determina a personalidade do personagem, que não consegue lidar de modo equilibrado com as mudanças, vivendo perturbado e acossado por essas consequências, algo a um só tempo psicológico e social. Entendendo a decadência como o motor do comportamento de Luís da Silva e de sua inadaptação à condição presente, nos propomos a pensar, a partir do que está formalizado no romance, em como ele tenta solucionar o problema e se ajustar às novas condições objetivas da cidade de Maceió.

O período em que os problemas de Luís da Silva com a cidade estão relativamente apaziguados coincide com o início do namoro com Marina:

Em janeiro do ano passado estava eu numa tarde no quintal, deitado numa espreguiçadeira, fumando e lendo um romance. O romance não prestava, mas os meus negócios iam equilibrados, os chefes me toleravam, as dívidas eram pequenas – e eu rosnava um bocejo tranquilo. [...].

Moisés e Pimentel apareciam-me às vezes, e alguns rapazes acanhados vinham pedir-me em segredo artigos e composições poéticas, que eu vendia a dez, a quinze mil réis. Isto chegava para o aluguel da casa – e dr. Gouveia não me importunava. [...].

Foi numa dessas suspensões que percebi um vulto mexendo-se no quintal da casa vizinha. [...].

O vulto que se mexia não era a senhora idosa: era uma sujeitinha vermelhaça, de olhos azuis e cabelos tão amarelos que pareciam oxigenados. (RAMOS, 1964, p. 30-31).

Diferentemente do início do romance, quando é perseguido por credores e sua vida anda financeiramente conturbada, ele experimenta agora relativa tranquilidade financeira, o que proporciona certo otimismo e vontade de seguir em frente, mesmo que na cidade. Até então, o personagem sempre estivera preocupado com suas necessidades básicas de sobrevivência e não pode experimentar o amor em sua plenitude. Luís vivera como um bicho, de modo que

as mulheres sempre foram para ele um objeto sexual. Reificado, ele enxerga os relacionamentos como gasto financeiro, isto é, de maneira pragmática e livre de qualquer idealização e sentimento:

[...] sempre fui alheio aos casos de sentimento. Trabalhos, compreendem? Trabalhos e pobreza. [...].

Antigamente era uma existência de cachorro. As mulheres tinham cheiros excessivos, e eu me sentia impelido violentamente para elas. Mas a voz do chefe da revisão estava colada aos meus ouvidos [...]. Como iria pagar a pensão? – D. Aurora, tenha paciência. Veja se me arranja um quarto mais barato. Os tempos andam safados, d. Aurora. [...].

Convidei d. Aurora e a neta para o cinema. Arrependi-me e ofereci-lhes refrescos. Aceitaram tudo – e começou a minha tortura. Lá fui com elas, capiongo, pagar bonde, sorvete e três cadeiras. Tipo besta.

– Aguenta, maluco, trouxa, filho de uma puta. E contava mentalmente o dinheiro suado e mesquinho. (RAMOS, 1964, p. 33).

No momento em que Marina entra na vida de Luís da Silva, ele está adaptado ao presente a ponto “de, nenhuma vez, desde o capítulo em que Marina aparece até o capítulo em que Julião Tavares o ameaça, o universo familiar ser sequer tocado por ele” (BUENO, 2006, p. 630). Isto é: o passado é deixado de lado pelo protagonista, que vislumbra seguir em frente ao lado da moça. O casamento poderia representar, para ele, a transformação que o levaria de ponta final da velha ordem, último fruto do galho da família rural extinta, à ponta inicial de uma nova família, que seria constituída a partir dele mesmo, sob o signo do novo, na nova ordem. Esta seria uma inserção possível de Luís da Silva no mundo moderno, na cidade, algo que está ao seu alcance, plausível de se tornar realidade.

Após o aceite (embora tímido e desconcertado) de Marina, Luís aposta tudo no casamento. Consume suas economias, endivida-se, abandona a tranquilidade conquistada para tentar um salto maior, uma real adaptação ao presente. Fato é que essa ideia o torna bastante confiante no futuro, de sorte que a “instabilidade que se avizinha não o perturba – afinal algo está para começar e é possível pensar no brilho do futuro, sem qualquer interferência do passado” (BUENO, 2006, p. 631), como fica claro no trecho seguinte:

Sangrei mais quinhentos mil réis. Depois sangrei duzentos, adquirei móveis em leilão e vesti-me de novo, porque as minhas camisas estavam esfiapadas e o paletó se cobria de nódoas. Marina aplaudia a transformação que se ia operando no meu exterior:

– Precisa é mandar consertar essa gola. O corpo está bom. Os pés não prestam, com esses sapatos indecentes. Dê por um visto um pavão.

Ofereci a seu Ivo os meus sapatos cambados e reformei os pés. O dinheiro sumia-se, essas alterações chupavam-me as reservas acumuladas com paciência. [...].

Liquidei a minha conta no banco, estudei cuidadosamente uma vitrina de joias, escolhi um relógio-pulseira e um anel. Saí da joalheria com vinte mil réis na carteira, algumas pratas e níqueis. Mais nada. Apenas confiança no futuro, apesar dos encontrões que tenho suportado. Os matutos acreditavam na minha literatura. Vinte mil réis para café e cigarros.

La cheio de uma satisfação maluca. (RAMOS, 1964, p. 69).

Luís investe todo o seu dinheiro (até o que não tem) na possibilidade do brilho futuro ao lado de Marina, o que significa muito para alguém cuja reificação compreende os valores humanos através dos valores monetários. O peso do investimento financeiro se soma à transformação exterior que o personagem vivia, um sinal da adaptação que, no entanto, é apenas superficial, e já aponta para sua própria fragilidade, prevendo que não será duradoura. Apesar de gastar todo o seu dinheiro, Luís está confiante no futuro e é respeitado intelectualmente pela sua literatura, que, lembre-se, é o motivo pelo qual migrara para a cidade grande. É notável que o personagem está a ponto de alcançar, embora não plenamente, seus objetivos iniciais estabelecidos quando deixou o interior de Alagoas e migrou para a cidade. Seria o vencer na vida que tanto buscara, uma adaptação ao presente, de modo que estaria finalmente ajustado. No entanto, a traição de Marina é um duro golpe em suas expectativas.

Reduzido a não poder ambicionar senão pequenas coisas, Luís da Silva aprende que nem mesmo estas lhe são permitidas: Marina é seduzida por Julião Tavares, rico comerciante acidentalmente ligado a Luís; fascinada pelos prazeres mundanos e pelo dinheiro que Tavares lhe oferecia, ao contrário do outro, ela desfaz o casamento. (COUTINHO, 1977, p. 97)

Pensando a situação sob a ótica das expectativas de futuro alimentadas pelo personagem, ressalte-se que ele estava se acomodando a certa vida quando sofre o golpe, e o casamento representa para ele mais que apenas uma questão erótica ou uma “virilidade espezinhada” (CANDIDO, 2012, p. 52), embora isto também seja significativo. O ódio que já sentia por Julião Tavares volta à tona num crescendo, e Luís passa a perseguir a ideia fixa de que o único modo de recuperar o equilíbrio perdido seria a destruição do seu rival, personificação de tudo o que o conduziu à vida mesquinha que leva – o sujeito rico, filho do burguês que se deu bem na nova ordem (na cidade), que possui mulheres e é respeitado (ou tolerado) no meio social (COUTINHO, 1977, p. 97-98). Antonio Candido entende que o crime significa, para Luís da Silva, uma “solução para as derrotas constantes” (CANDIDO, 2012, p. 50).

No mesmo diapasão de Sonia Brayner, Carlos Nelson Coutinho conclui que o crime é, para Luís da Silva, “a única maneira de afirmar uma liberdade sempre desejada e jamais alcançada, a única forma autêntica possível de realização humana”. (COUTINHO, 1977, p. 98). Em *Angústia*, assim como ocorre nos grandes romances do realismo crítico, o valor pesquisado pelo herói problemático possui um caráter ambíguo, a um só tempo autêntico e degradado. Na sociedade burguesa capitalista, em que inexistente a comunidade autêntica, a pesquisa de valores será sempre demoníaca, uma busca degradada e de caráter negativo, de sorte que o

herói é um louco ou um criminoso. A degradação mencionada tem sua origem na solidão do herói, em sua impotência, em seu desligamento da vida popular e em seu egoísmo. Assim,

[...] a luta contra o mundo hostil não é revolucionária, coletiva, mas sim a manifestação de uma revolta individual, necessariamente marginal. Contudo, apesar das formas degradadas que assume esta luta “demoníaca” é uma manifestação do que há de mais humano no homem: sua insatisfação em face do real alienado, sua busca desesperada da realização individual autêntica. (COUTINHO, 1977, p. 98).

O crime cometido por Luís da Silva é uma representação literária contundente da referida ambiguidade, de modo que seu ato contém o que de melhor existe nele: o desejo de liberdade e autonomia e sua indignação contra a opressão e a indignidade a que o ser humano é submetido no capitalismo. Por outro lado, sua solidão e seu isolamento não o permitem ir além do aparente e compreender as motivações profundas de sua aspiração e de seu ódio, o que resulta tragicamente em uma ação degradada e impotente: a ilusão de que eliminar Julião Tavares, um simples indivíduo, destruiria o sistema capitalista e o Deus dinheiro (através dos quais o bacharel é superior a Luís, segundo o próprio entende), resultando na reconquista da dignidade perdida, da liberdade e da autêntica realização individual. Luís da Silva percebe, após o crime, o caráter falso e ilusório do ato individual, que não altera positivamente nem a realidade social como um todo, muito menos a realidade individual do personagem – ao invés, altera para pior, trazendo a perturbação mental e a proximidade da loucura, o que denuncia os limites do individualismo:

Os indivíduos, enquanto átomos, são impotentes: a possibilidade de mudar o curso das coisas, de influir sobre a realidade e sobre si mesmo, está intimamente ligada à participação na vida social, ao fato de não mais ser o indivíduo um sujeito isolado, mas um momento do sujeito histórico. (COUTINHO, 1977, p. 99).

Considerações finais

Conforme tentamos demonstrar, o processo histórico de modernização capitalista de fins do século XIX e início do XX é o que estrutura a vida de Luís da Silva e dá forma a ele enquanto constructo literário. A cidade de Maceió, como organização social capitalista, desempenha uma função essencial na narrativa, sendo o dispositivo desencadeador dos conflitos vivenciados pelo narrador-protagonista devido à sua inadaptação ao novo modo de vida. Questionando o entendimento de parte da crítica, cuja leitura leva à ideia de uma consciência a-histórica e subvaloriza o processo social, entendendo os impasses de Luís da Silva apenas como “problemas psicológicos”, e não como fruto que são do processo histórico, demonstramos como a ambígua inserção do narrador-protagonista na cidade determina sua postura diante da vida e sua psicologia, isto é, como a

realidade social influi na sua subjetividade. Do choque entre seus valores rurais e os novos padrões impostos pela vida urbana em Maceió resulta sua aversão ao capitalismo e à cidade.

Analisamos, ainda, o modo como o personagem tenta se adaptar à vida na cidade, mas devido ao fracasso da investida, acabando se tornando um criminoso, numa desesperada tentativa de recuperação do equilíbrio perdido pela mudança social vivenciada em Maceió. Por fim, discutimos o significado do crime enquanto, por um lado, expressão da indignação de Luís da Silva contra a opressão e a indignidade a que o ser humano é submetido no capitalismo e, por outro, ação individual e limitada que não altera positivamente o estado de coisas.

Notas

1 O termo “realismo” deve ser entendido aqui como “uma forma de representação da realidade histórico-social, um princípio de estilização que capta e transfigura artisticamente as tensões objetivas do mundo” (FERNANDES, 2014, p. 1), e não como uma referência ao Realismo, movimento artístico de época que vigorou durante o século XIX e estabeleceu certos princípios e procedimentos característicos.

2 Situação social que lembra muito o drama de Naziazeno, de *Os Ratos*, que vive ameaçado pelo leiteiro a quem deve dinheiro

Referências

BOSI, Alfredo. Tendências contemporâneas. In: BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira**. 44. ed. São Paulo: Cultrix, 2006. p. 383-491.

BRAYNER, Sônia. **Graciliano Ramos e o romance trágico**. In: BRAYNER, Sônia (Org.). *Graciliano Ramos: seleção de textos*. 1. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1977. p. 204-220.

BUENO, Luís. Graciliano Ramos. In: BUENO, Luís. **Uma história do romance de 30**. 1. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo; Campinas: Editora da Unicamp, 2006. p. 597-664.

CANDIDO, Antonio. **Ficção e confissão: ensaios sobre Graciliano Ramos**. 4. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2012.

CARPEAUX, Otto Maria. **Visão de Graciliano Ramos**. In: BRAYNER, Sônia (Org.). *Graciliano Ramos: seleção de textos*. 1. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1977. p. 25-33.

CARVALHO, Lúcia Helena. **De rato a gato**. In: CARVALHO, Lúcia Helena. *A ponta do novelo: uma interpretação de Angústia, de Graciliano Ramos*. 1. ed. São Paulo: Editora Ática, 1983. p. 78-84.

COELHO, Nelly Novaes. **Solidão e luta em Graciliano Ramos**. In: BRAYNER, Sônia (Org.). *Graciliano Ramos: seleção de textos*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1977. p. 60-72.

COUTINHO, Afrânio. **O modernismo na ficção**. In: COUTINHO, Afrânio. *A literatura no Brasil*. 6. ed. Rio de Janeiro: Editorial Sul Americana S. A., 1970. p. 203-343.

COUTINHO, Carlos Nelson. Graciliano Ramos. In: BRAYNER, Sônia (Org.). **Graciliano Ramos: seleção de textos**. 1.ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1977. p. 73-122.

FERNANDES, Marcos Rogério Cordeiro. **Texto de apresentação da página do simpósio 'Quem tem medo do realismo?'**. Belo Horizonte: Núcleo de Estudos de Literatura Brasileira da Faculdade de Letras da UFMG, 2014. p.1. Disponível em <<http://www.quemtemmedodorealismo.letras.ufmg.br>>. Acesso em 13 jan. 2017.

LINS, Álvaro. Valores e misérias das vidas secas. In: LINS, Álvaro. **Os mortos de sobrecasaca**. 1. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1963. p. 144-169.

MARTINS, Wilson. **Graciliano Ramos, o Cristo e grande inquisidor**. In: BRAYNER, Sônia (Org.). *Graciliano Ramos: seleção de textos*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1977. p. 34-45.

RAMOS, Graciliano. *Angústia*. 9. ed. São Paulo: Livraria Martins Editora, 1964.

STEGAGNO-PICHIO, Luciana. **Estabilização da consciência criadora nacional (1930-1945)**. In: STEGAGNO-PICHIO. *História da literatura brasileira*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2004. p. 519-571.

Para citar este artigo

GUIMARÃES JÚNIOR, W. F. O PAPEL DA CIDADE NA CONFIGURAÇÃO DE ANGÚSTIA, DE GRACILIANO RAMOS. **MACABÉA – REVISTA ELETRÔNICA DO NETLLI**, CRATO, V. 8., N. 2., 2019, p. 681-697.

O Autor

Wagner Fredmar Guimarães Júnior possui graduação em Letras (2013) e mestrado em Letras: Estudos Literários (2016), ambos pela Universidade Federal de Minas Gerais. Atualmente, cursa o terceiro ano do doutorado em Letras: Estudos Literários, na mesma instituição, com pesquisa sobre a ficção de Oswald de Andrade, e é professor de "Introdução aos estudos literários" e "Teorias da narrativa" no Apoio Pedagógico ao Núcleo Comum, da Faculdade de Letras da UFMG. Seus interesses estão nas relações entre literatura e sociedade, com foco na primeira metade do século XX.